

ALBUQUERQUE
FOUNDATION

22.02 – 31.08.2025



Theaster Gates

A Mão Sempre Presente
The Ever-Present Hand

Theaster Gates: A Mão Sempre Presente

O trabalho de Theaster Gates (Chicago, EUA, 1973) é notavelmente diversificado e poroso, abrangendo a escultura, a performance, o artesanato, a criação e manutenção de arquivos, entre outros âmbitos. Formado como ceramista e urbanista, ao longo de décadas dedicadas à criação de novos mundos, o artista parece estar sempre vislumbrando algo para além dos limites do que é de facto visível, enquanto as suas mãos moldam algo que ainda não existe, mas que está, contudo, logo ali. Ao longo da sua prática, Gates tem recorrido ao que a académica e escritora Saidiya Hartman designa formalmente como “fabulação crítica”, ou seja, o uso da narração de histórias e de propostas artísticas especulativas como meio para retificar as omissões da história – ou dos arquivos. Nos últimos anos, Gates tem empregado o termo *Afro-Mingei* para expressar o poder que surge da combinação das diferentes tradições criativas que influenciaram a sua prática, nomeadamente a estética política do movimento Black is Beautiful e as tradições cerâmicas chinesa, coreana e principalmente japonesa, na qual o conceito de *mingei* destaca a beleza silenciosa e imperfeita de objetos comuns e utilitários criados por artesãos anónimos.

Ao evidenciar a relevância política da arte popular da Coreia ao Japão e à China, Gates também exume as histórias do artesanato da sua própria herança, citando influências como as encontradas, entre outras, no trabalho de Dave Drake. Também conhecido como Dave the Potter, Dave Drake foi um ceramista escravizado do sul dos Estados Unidos, ativo até aos anos 1870, amplamente reconhecido e reverenciado tanto pela sua mestria como pela coragem de inscrever a sua assinatura nas peças que criava, revelando assim a sua capacidade de ler e escrever – um ato explicitamente proibido para uma pessoa escravizada na época. Ecoando esta ideia na sua obra *Signature Study*, uma escultura cerâmica que apresenta a sua própria assinatura, Gates presta homenagem a figuras como Dave Drake e à poetisa e monja budista japonesa Ōtagaki Rengetsu. A poética do barro de Gates investiga o papel do artesanato nas campanhas de propaganda imperial e nos movimentos de resistência através da escultura, da instalação e de uma profunda crença na materialidade.

A Coleção Albuquerque de Cerâmica Chinesa abriga peças extraordinárias de porcelana chinesa de exportação, principalmente dos períodos Ming e Qing. As peças de exportação eram encomendadas por Portugal e, mais tarde, por muitos outros países europeus, e exportadas da China, o único local onde a porcelana fora produzida ao longo de séculos. Para além do seu valor artístico, portanto, os objetos que compõem a coleção fascinam-nos porque percorreram rotas indicativas de uma densa narrativa de comércio e trocas entre o Oriente, o Ocidente e o Sul Global. Inspiradas e incentivadas por interesses comerciais à escala global, ocorriam trocas artísticas, culturais e económicas que levaram ao aparecimento de formas e iconografias híbridas e surpreendentes, de muitos pontos de vista mais fascinantes do que as que poderiam ser definidas como “autenticamente” chinesas. A história destes objetos é indissociável do imperialismo, do colonialismo, da exploração, da globalização e da luta pela supremacia comercial.

Ao sobreporem-se, estas camadas de significados, valores e interesses criam um conjunto em constante expansão e resignificação, que nunca se encerra, e cujo maior fascínio consiste no facto de que não surge de uma raiz única. Édouard Glissant, ao tentar circunscrever a ideia de um *pensamento do tremor*, uma vez escreveu que *a raiz única mata tudo ao seu redor*. Segundo o pensador martinicano, *não há começo absoluto. Os começos fluem de todo lado, como rios em errância*, e a maior beleza é justamente a que nasce dessa errância e das misturas que ela propicia. É difícil pensar num artista que condense e aborde estas questões com maior precisão, e ao mesmo tempo com maior poesia, que Theaster Gates. Os azulejos em cerâmica preta, ricos em ferro, e os budas de barro que ocupam o espaço contemporâneo da Albuquerque Foundation, foram concebidos por um artista negro que estudou com mestres japoneses e em colaboração com artesãos japoneses; foram produzidos em Tokoname, Japão, onde Gates aperfeiçoou a sua técnica enquanto ceramista em 2004 e para onde tem regressado anualmente desde então, e foram expostos no ano passado numa grande exposição individual no Mori Art Museum, em Tóquio; e chegaram a Portugal após semanas no mar, num percurso muito próximo ao das peças da coleção, inclusive as que o próprio artista escolheu para dividir com as suas o espaço expositivo, envolvidas num diálogo que enriquece e complexifica todas elas. Este piso escuro e denso confere ao espaço uma aura quase sagrada, e andar sobre ele torna o simples ato de caminhar um gesto consciente e proposital, carregado de histórias de outros lugares e de outras pessoas, entre as quais estamos, também, todos nós.

Édouard Glissant, *La cohée du Lamentin – Poétique V*, Gallimard, Paris, 2005

--

<